



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE
ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE DIFICULDADES DE LEITURA E
ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

ANA PAULA ROCHA DA SILVA

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientadora: Profa. Dr^a Ivanda Maria Martins Silva

Recife, 2019

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Paula Rocha da Silva

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
paularocha40@yahoo.com.br

Profa. Dra. Ivanda Maria Martins Silva (orientadora)

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
martins.ivanda@gmail.com

Resumo

O presente estudo configura-se como relato de experiência, cujo objetivo principal é analisar estratégias utilizadas na ação docente para minimizar dificuldades de leitura e escrita no 6º ano do ensino fundamental, considerando articulações entre alfabetização e letramento. Como aporte teórico, foram priorizados os trabalhos que discutem alfabetização e letramento, tendo em vista a complexidade e as conexões indissociáveis desses conceitos. Em termos metodológicos, este estudo constitui-se de uma pesquisa qualitativa com observação participante e como forma de registro um diário etnográfico escolar. Muitos docentes deparam-se com as dificuldades de leitura e escrita de estudantes que iniciam novo segmento do ensino fundamental (6º ano) ainda sem o domínio efetivo de leitura e escrita, repercutindo nas práticas de letramentos.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Ensino Fundamental.

1. Introdução

Esse estudo começou a se delinear a partir de experiências vividas nos estágios curriculares obrigatórios previstos para a formação do licenciando em Letras, ofertado na modalidade a distância pela Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia (UAEADTec) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Nesse contexto formativo do estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de perceber mecanismos de produção de diferenças no sistema educacional da Rede Municipal de Ensino do Cabo de Santo Agostinho - PE, especialmente em turmas de sextos anos que

foram foco da nossa observação em três (3) dos cinco estágios desenvolvidos na referida rede.

Os cinco estágios curriculares obrigatórios foram: (I) ***Observação em escolas públicas***, visando estimular o senso investigativo dos licenciados em relação à organização do espaço educativo; (II) ***Planejamento e avaliação da prática docente***, que objetiva a reflexão e a tomada de decisão em relação à aprendizagem do aluno e sobre a ação docente e seus impactos na interação com a comunidade escolar; (III) ***Planejamento e realização de oficinas pedagógicas para educação não formal***, visando à correlação entre ensino, pesquisa e extensão; (IV) ***Planejamento e regência de aulas de língua portuguesa e literatura*** em escolas campo de estágio do ensino fundamental (6º ao 9º anos) e EJA fundamental, que visa os eixos: leitura, produção textual, análise linguística, oralidade e (V) ***Planejamento e regência de aulas em escolas campo de estágio do ensino médio e EJA médio***, tendo em vista os eixos: leitura, produção textual, análise linguística, oralidade.

Nesse contexto, os estágios que nos ajudaram a refletir sobre esse processo investigativo foram (II, III e IV), respectivamente: Estágio II – *planejamento e avaliação da prática docente*; Estágio III – planejamento e realização de oficinas pedagógicas para educação não formal; Estágio IV – planejamento e regência de aulas de língua portuguesa e literatura no ensino fundamental (6º ao 9º anos) e EJA fundamental. Os referidos estágios aqui em destaque nos possibilitaram a construção desta pesquisa.

Em formação no magistério na década de 90, já aprendíamos sobre os novos desafios nos campos de alfabetização e letramento, assim como, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2012, já trabalhávamos pensando na superação das dificuldades de leitura e escrita dos estudantes da educação básica. Essa experiência formativa nos marcou profundamente, e na condição de estagiária, tivemos a oportunidade de compreender mais atentamente o olhar docente para essas dificuldades, e entender quais os desafios de leitura e escrita enfrentados pelos estudantes dos 6º anos do ensino fundamental. Nesse sentido, a questão norteadora desta investigação pode ser descrita da seguinte forma: quais as estratégias desenvolvidas na ação docente para minimizar dificuldades de leitura e

escrita de estudantes do 6º ano do ensino fundamental, tendo em vista conexões entre alfabetização e letramento?

Nessa conjuntura, essas problematizações levam este relato de experiência a ter como **objetivo geral**: analisar estratégias utilizadas na ação docente para minimizar dificuldades de leitura e escrita no 6º ano do ensino fundamental, considerando articulações entre alfabetização e letramento. Para tanto, esta investigação tem como **objetivos específicos**: (1) discutir os conceitos de alfabetização e letramento, tendo em vista dificuldades de leitura e escrita de estudantes do ensino fundamental, especialmente do 6º ano; (2) identificar, no diário etnográfico, a ação docente (estratégias) para superação das dificuldades de leitura e escrita de crianças e adolescentes no 6º ano do ensino fundamental.

Na próxima seção, apresentaremos um diálogo teórico desenvolvido por um tema intitulado *“Alfabetização e Letramento: caminhos para o conhecimento”* que buscará refletir sobre as noções de alfabetização e letramento como estratégias para a ação docente no contexto do ensino fundamental.

2. Referencial teórico

2.1 Alfabetização e letramento: caminhos para o conhecimento

A alfabetização e o letramento são práticas sociais fundamentais para o exercício pleno da cidadania. Tornar nossos cidadãos alfabetizados e letrados é uma preocupação emergente no Brasil a partir de importantes programas de redução do analfabetismo.

Nesse contexto de emergência da redução do analfabetismo brasileiro, vimos uma gama de políticas públicas que se tornaram agenda de governo e tinham como foco a superação das estatísticas alarmantes sobre grande parte da população de baixa renda que ainda não estava alfabetizada.

A alfabetização e o letramento são temas recorrentes nas licenciaturas, tendo em vista que esses processos repercutem no crescimento do país como um todo. Quando tocamos nesses temas, estamos discutindo, também, exclusão social, uma vez

que os sujeitos, ao não desenvolverem essas práticas socialmente construídas, começam a ocupar um lugar de menos privilégio social, ou seja, não estar alfabetizado e letrado implica, muitas vezes em falta de oportunidades de emprego, de ascensão social, de acesso à cultura, à arte e de tantos outros processos.

Quando os processos de alfabetização e letramento não são construídos no tempo regular previsto da escolarização, ou seja, quando ocorrem descontinuidades, seja por meio da repetência, da evasão escolar ou de outros fatores, os estudantes são enquadrados no que chamamos hoje de insucesso escolar, fenômeno comum nas redes de ensino em todo o país.

Neste cenário, as dificuldades de leitura e escrita tornam-se desafios importantes para muitos estudantes, o que repercute diretamente no desempenho escolar dos mais variados componentes curriculares. No intuito de reverter essa situação, são criados diferentes programas educacionais municipais, estaduais e nacionais de enfrentamento dessa realidade escolar que estão localizados num circuito de *ranking* e de recompensas pelas metas batidas através da redução dos números ligados a este fenômeno.

É nesse circuito de obtenção das metas e dos benefícios geradas por essas políticas públicas de redução de pessoas em descontinuidade escolar que pode estar atreladas ao mascaramento do insucesso escolar de estudantes que passam a representar números, esse terreno é altamente perigoso porque o centro das preocupações passa de alfabetização e letramento do sujeito para o ganho de benefícios e metas educacionais que geram bônus de diferentes dimensões para a escola e sua comunidade educativa.

No final da década de 70, surgia uma nova concepção que influenciou o surgimento de novas práticas alfabetizadoras, por meio dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, na obra *“Psicogênese da Língua Escrita”* (1984), redimensionando os métodos tradicionais que orientavam as práticas alfabetizadoras da época.

Em relação às práticas alfabetizadoras e de letramento, Soares (1998) afirma que:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 1998, p. 47).

Logo, é preciso ensinar (alfabetizar e letrar) de forma contextualizada. A ação docente precisa estar em sintonia com a variedade de contextos socioculturais nos quais os estudantes estão inseridos, tendo em vista o letramento e a alfabetização em suas relações indissociáveis na construção de práticas sociais de leitura e escrita. Seria uma educação para interpretar a vida em seus mais diferentes significados para além dos terrenos escolares.

A mudança da concepção sobre a construção do conhecimento é relevante para que o educador possa trabalhar em prol do avanço desse processo tão importante para a vida social do indivíduo, que é a apropriação da escrita e da leitura, aprimorando-se práticas sociais de letramentos. Segundo Ferreiro (2001, p. 61), “para ser eficaz, o educador terá que adaptar seu ponto de vista ao do outro. Já que cada um constrói seu sistema interpretativo próprio sobre tal objeto, assim como faz relações de acordo com suas vivências”.

Portanto, nessa perspectiva de ensino, destaca-se a importância de serem criadas condições para novas descobertas e superações dos conflitos cognitivos e das possíveis hipóteses “inventadas” nas etapas evolutivas regulares da construção do conhecimento que cada aprendiz carrega. O impacto disso é que “cada vez mais, a escrita se colocou como obstáculo à participação efetiva do cidadão no mundo social, demonstrando, no cotidiano, a utilidade do saber ler”. (BARBOSA, 2013, p. 111)

Segundo Marques e Rubio (2012, p. 10), “o conceito “alfabetização” dedica-se ao ensinar/aprender a ler e a escrever, já o conceito “letramento” não consiste apenas em ler e escrever mais sim no cultivo de atividades de leitura e escrita que respondam as demandas sociais”. Isso significa dizer que essas duas noções são muito parecidas e que em determinado momento podem ser confundidas ou usadas como sinônimo, mas, são construções teóricas distintas.

Ainda sobre a diferença entre alfabetização e letramento, Soares (2000) afirma:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco, porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita, a alfabetização; e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento. (SOARES, 2000, p. 14).

Como podemos notar nas reflexões apresentadas pelos autores, as múltiplas conexões entre alfabetização e letramento precisam ser valorizadas, no sentido de se perceberem a complexidade e a pluralidade de tais noções, bem como seus impactos no contexto escolar. A noção de letramento, por exemplo, precisa ser compreendida de forma plural, como processo complexo marcado por várias dimensões, conforme propõem Carvalho e Mendonça (2006):

O letramento pode ser considerado um processo complexo, que quase sempre é visto como associado à alfabetização. Contudo, existem letramentos de natureza variada, inclusive, sem a presença da alfabetização. Trata-se de um termo que é conceituado de modo diferente por autores que estudam o fenômeno; mas, em suma, pode-se dizer que o letramento é um processo histórico-social (CARVALHO e MENDONÇA, 2006, p. 10).

As formas como os sujeitos se relacionam com o mundo, dizem muito dos seus processos de letramento, pensando nessa natureza variada proposta pelas autoras acima. Desta forma, o letramento mostra o quão é dinâmico o processo social e quantas formas de letramento ainda estão por vir diante dos avanços e das novas demandas tecnológicas e sociais da contemporaneidade. Ainda nessa perspectiva, Carvalho e Mendonça (2006) afirmam:

As práticas sociais que se realizam entre os sujeitos por meio da linguagem encontram-se inevitavelmente baseadas no Letramento, condição em que existe um conhecimento sobre a escrita que as pessoas, mesmo sem saber ler ou escrever, dominam. Tal conhecimento é adquirido pelo fato de que estas pessoas estão inseridas numa sociedade letrada. Neste tipo de sociedade, a escrita passa a funcionar como mediadora entre tais práticas e os sujeitos, constituindo eventos de letramento. Assim, as práticas letradas influenciam todos os indivíduos. Por esta razão, pessoas que vivem em sociedades letradas não podem ser chamadas de iletradas, mesmo que sejam não-alfabetizadas (CARVALHO e MENDONÇA, 2006, p. 10).

Como destacado pelas autoras, nas sociedades letradas ninguém escapa do letramento mesmo que não saiba ler e escrever, o circuito social pelo qual o sujeito

está inserido é letrado e o afeta, caracterizando a escrita apenas como mediadora dessas práticas e sujeitos. Segundo Batista e Soares (2005, p. 50), o letramento é “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais é necessário para uma participação ativa e competente na cultura escrita”.

Na próxima seção, apresentaremos o percurso metodológico empreendido para efetivação deste estudo.

3. Percurso metodológico

Conforme explicitado anteriormente, este estudo tem como objetivo geral analisar estratégias utilizadas na ação docente para minimizar dificuldades de leitura e escrita no 6º ano do ensino fundamental, considerando articulações entre alfabetização e letramento. Desta forma, esse estudo constitui-se de uma abordagem qualitativa de pesquisa que segundo Minayo (2016, p. 21):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes.

Como as experiências foram desenvolvidas na condição de estagiária e não da figura que intervém diretamente, mas alguém que está ali pensando sobre os processos na sua observação, buscando ver, na materialidade, a teoria conduzindo a prática, participando da ação, foi necessário realizar a observação participante. Segundo Richardson (1999, p. 259), “a observação, sob algum aspecto, é imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica, pois ela tanto pode conjugar-se a outras técnicas de coleta de dados como pode ser empregada de forma independente e/ou exclusiva”.

Para registro da coleta de dados foi necessário um diário etnográfico. Conforme Bolívar (2001, p. 187):

Um diário como todos sabemos, é um registro reflexivo de experiências (pessoais e profissionais) e de observações ao longo de um período de

tempo. Incluem ao mesmo tempo, opiniões, sentimentos, interpretações, etc. pode-se adotar um formato preferencialmente descritivo, etnográfico, analítico, avaliativo ou reflexivo. O melhor é, talvez, uma adequada mescla de todos os formatos.

Pensar nesse formato metodológico foi essencial para o desenvolvimento deste relato de experiência em grande medida o delineamento do percurso metodológico que orienta a ação de escrita e reflexão a partir de uma abordagem de pesquisa que no nosso caso, como apresentado anteriormente, constitui-se de uma abordagem qualitativa de pesquisa voltada para a educação.

Na próxima seção, apresentaremos a análise e a discussão dos resultados obtidos a partir da observação participante.

4. Relato da experiência, análise e discussões

A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Municipal de Ensino do Cabo de Santo Agostinho, pertencente ao Centro de Atenção ao Atendimento da Criança (CAIC). A escola pesquisada funciona com os anos iniciais e os anos finais da educação básica. Sua estrutura funciona com adaptações para estudantes com deficiência e mobilidade reduzida (rampas, barras, equipamentos adaptados), está mobiliada, é ventilada, iluminada, conta com a colaboração de 41 funcionários, área verde e pátio coberto para melhor prestar seus serviços a comunidade escolar, a qual, geralmente não faz bom uso, depredando a escola, usando a quadra para fazer uso de drogas, chegando até a ter acontecido um homicídio na mesma.

O referido município está localizado no litoral sul do estado de Pernambuco e compõe a Região Metropolitana do Recife (RMR) e abriga, junto ao município de Ipojuca, seu vizinho, o Complexo Industrial Portuário de Suape, um dos maiores polos industriais do nordeste brasileiro.

Os interlocutores da pesquisa são 12 crianças e adolescentes com faixa etária entre 11 e 14 anos, que chegaram aos sextos anos com dificuldades de leitura e escrita, dificuldades estas possivelmente oriundas de processos anteriores ineficazes de alfabetização. Percebemos, também, os perfis desses interlocutores ainda tímidos em relação a práticas variadas de letramentos, em função de fatores relacionados às

dificuldades de acesso a bens culturais e gêneros textuais diversos em atividades de leitura e escrita dentro e fora da escola. Jovens que precisam trabalhar no comércio informal desde cedo para ajudar na sobrevivência familiar, e infelizmente, alguns encontram uma maneira mais “fácil” de conseguir um meio de ganhar dinheiro, mesmo que isso custe sua liberdade (alguns são menores infratores acompanhados da Funase) ou até mesmo sua vida.

Os jovens que forneceram elementos para essa reflexão são oriundos de camadas populares do Município do Cabo de Santo Agostinho, especificamente do Bairro Ponte dos Carvalhos que, segundo dados do IBGE, em 2010, conta com mais de 54.000 mil habitantes. Etnicamente, esses estudantes são afroindígenas filhos e filhas de comerciantes, trabalhadores da indústria e do turismo litorâneo, trabalhadores da coleta seletiva, empregados domésticos e do trabalho informal.

Foram também nossas interlocutoras, três professoras formadas em Letras que ensinam língua portuguesa e que desenvolveram práticas de letramento com os estudantes que foram observados. As referidas docentes têm formação há mais de 6 anos e ensinam na rede municipal de ensino há mais de 3 anos, todas possuem pós-graduação lato sensu na área de Letras e as três trabalham em duas escolas da mesma rede.

Um fenômeno de fácil identificação e que é o objeto de reflexão deste relato se refere ao fato de alguns estudantes, chegarem ao 6º ano do ensino fundamental sem o domínio de leitura e de escrita, repercutindo nas práticas de letramentos.

Diante disso, o olhar se voltava para a ação docente na busca pela superação dessa situação que causava sofrimento nos estudantes, principalmente através dessa ideia competitiva e menos colaborativa que os sistemas educacionais brasileiros têm demonstrado. Processo pelos quais muitos professores/as têm se preocupado em processos de ensino e aprendizagem a partir dos princípios de formação humana que guiam essas práticas.

Apresentados o cenário da pesquisa e os interlocutores, iremos mostrar alguns exemplos de ação docente diante dessa realidade do não letramento através das

dificuldades de leitura e escrita, eleitas como instrumentos necessários à formação do cidadão para atuar de forma crítica e reflexiva em seu cenário social.

Uma primeira ação docente observada para superação da dificuldade foi que, ao tomar conhecimento da realidade do aluno, a professora buscou investigar o contexto no qual aquele estudante estava inserido. Identificado esse contexto, uma segunda etapa deste processo era observar mais atentamente como o estudante estava progredindo em suas aprendizagens e o interesse que apresentava para superar sua dificuldade quanto à leitura e escrita.

Uma segunda atuação docente que se apresentou na ação pedagógica foi à proposição de atividades coletivas dos quais alunos alfabetizados e letrados no nível da escolarização precisavam trabalhar coletivamente com os estudantes que ainda estavam construindo os processos de leitura e escrita para chegarem à atividade de letramento, uma espécie de trabalho colaborativo.

Um terceiro empreendimento para a superação das dificuldades de leitura e escrita utilizado por professoras de Letras em 6º anos da escola observada foi o estímulo à leitura. Nessa perspectiva, as professoras criavam uma série de atividades como: leitura partilhada, a seleção de textos curtos no paradidático escolhido pelos estudantes para ler para os colegas de sala e a própria professora trazendo leitura deleite no início da aula, ampliando o repertório de leituras dos estudantes. Deixando assim esses alunos mais à vontade, e conscientizando-os que não se tratava de uma avaliação, e sim de um momento deleite e “ele” era parte essencial para o andamento das atividades propostas. Dessa forma, o aluno não se via como mero expectador coadjuvante, mas sim como protagonista do seu processo de aprendizagem.

Uma quarta ação desenvolvida pelas professoras para superação dessas dificuldades é o tradicional e nem menos importante ditado, utilizado de forma lúdica, participativa, com correção coletiva, reflexão sobre a escrita, conectando elementos que estão em desajuste para os alunos com dificuldade na escrita. Isto é, “ele” não era exposto, nem seus erros eram apontados, pois através da autocorreção, inerentemente vinha a autoanálise, conscientizando de onde precisa desenvolver uma atenção maior.

Na próxima seção, apresentaremos as possíveis considerações sobre o relato de experiência.

5. Considerações finais

Compreendemos que práticas de letramento na educação básica possibilitam o rompimento com as discontinuidades geradas pela não construção da leitura e da escrita, além de processos de compreensão e resolução de problemas.

Compreendemos que muito se avançou na redução do insucesso escolar através das práticas de letramento com estudantes que chegam aos sextos anos sem esses conhecimentos construídos. Entendemos, ainda, que é necessária uma rede de articulação e apoio maior no enfrentamento a estes desafios.

Além de abordar questões sobre práticas de letramento na superação de discontinuidades escolar ligado a essas questões, a realização desse trabalho possibilitou constatar, através de nossos interlocutores, o quanto é possível criar e realizar atividades estimulantes da aprendizagem sem “ferir” a natureza humana negligenciando o sujeito da aprendizagem. É o aluno sentir-se valorizado, e não exposto ou ignorado em seu processo de ensino aprendizagem. Quando “ele” percebe que não é “o aluno problema”, ele passa a comportar-se de forma mais responsável, interativa, e o que é melhor: aprendendo de forma prazerosa.

As práticas observadas nos possibilitaram compreender os esforços das docentes para evitar a discontinuidade de seus estudantes através de processos de letramento, localizado num circuito de ausência de um trabalho também na família ou no extra-turno escolar que ampliassem as aprendizagens dos jovens. Ou seja, desenvolveram suas práticas de forma, acima de tudo, humana.

Referências

BARBOSA, J. Alfabetização e leitura. **Cadernos de Pesquisa**, n. 75, p. 87, 2013.

BOLÍVAR, A; DOMINGO, J; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque e metodologia**. Madrid: La Muralha, 2001.

CARVALHO, M. MENDONÇA, R. (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita**, Brasília, Ministério da Educação, 2006. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf> Acesso em 10/05/2019.

CARVALHO, I. **Alfabetização e letramento**: caminhos de conhecimento. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortês, 2001. (Coleção Questão da Nossa época; v.14).

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A.; LICHTENSTEIN, D. **Psicogênese da língua escrita**. Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, B.; RUBIO, J. O Processo de Alfabetização de Jovens e Adultos. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, p. 14, 2012.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2016.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SOARES, M. BATISTA; A. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 2000.